

HIBRIDISMO NA ESCRITA BIOGRÁFICA DE ANA MIRANDA

Patricia Horta (UERJ)
patriciavirtual@gmail.com

RESUMO

As manifestações literárias contemporâneas são marcadas, entre outras características, pela problematização da própria literatura em seus diversos aspectos: literariedade, autoria, formação do escritor, processos de canonização, divisão por gêneros, limites da representatividade etc. Observa-se a ascensão de formas híbridas, que põem aspectos considerados literários em atrito com elementos extraliterários ou não artísticos, de forma a provocar esses questionamentos sobre a escrita literária. Nesse contexto, destaca-se a elevada produção de biografias e autobiografias, gêneros essencialmente oscilantes entre relato referencial e construção ficcional. A obra de Ana Miranda é fortemente marcada pela metaficção biográfica, que oscila entre a presença de fatos ou elementos históricos e construções ficcionais. São obras que, no hibridismo entre fidelidade ao referente e criação ficcional, colocam em questão diversos aspectos da literatura.

Palavras-chave:
Biografia. Metaficção. Ana Miranda.

Em “Os escritores como personagens de ficção”, capítulo nono da recente publicação intitulada *Mutações da literatura no século XXI* (2016), Leyla Perrone-Moisés detecta um crescimento, a partir dos anos 1980, de um “subgênero romanescos” cuja principal característica é trazer por personagem principal “um grande escritor” (PERRONE-MOISÉS, 2016. p. 131). Dentre os vários exemplos desse subgênero citados por Perrone-Moisés (p. 132), figuram: *O papagaio de Flaubert* (1984), de Julian Barnes; *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), de José Saramago; *As horas* (1998), de Michael Cunningham; *O Mestre* (2004), de Colm Toibín; e no Brasil: *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago; *Pauliceia dilacerada* (2009), de Mário Chamie.

Ana Miranda aparece na lista de Perrone-Moisés com três obras: *Boca do Inferno* (1989), romance dedicado a um episódio histórico que envolve as biografias de Gregório de Matos e de Padre Vieira; *A última quimera* (1995), que é dedicado à vida de Augusto dos Anjos; e *Dias e dias* (2002), que trata da vida de Gonçalves Dias. Além desses, a escritora cearense publicou também: *Semíramis* (2014), sobre José de Alencar, e *Musa Praguejadora* (2014), em que a autora volta à biografia de Gregório de Matos.

Dos onze romances publicados por Ana Miranda até o momento, cinco são dedicados a esse “subgênero romanesco” detectado por Perrone-Moisés (2016), ao qual chamaremos, daqui por diante, de **romance biográfico**. Portanto, trata-se de uma autora cuja obra tem relevância no estudo dessa manifestação literária contemporânea e que, por isso, usaremos como exemplar.

A importância do texto de Perrone-Moisés está na delimitação do subgênero romance biográfico e em trazê-lo para o foco das reflexões no contexto dos estudos literários contemporâneos. O principal questionamento, que enseja as outras discussões do capítulo, diz respeito à relação dessas obras com a biografia. Inicialmente, Perrone-Moisés distingue completamente os gêneros, ao invocar um “pacto de verdade” (PERRONE-MOISÉS, 2016. p. 133), baseado no “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune, conceito lançado por esse crítico francês em obra homônima de 1975. Nesse sentido, de acordo com Perrone-Moisés, “a biografia tem um compromisso com a verdade dos fatos documentados” (PERRONE-MOISÉS, 2016. p. 133), o que não seria o caso dos romances biográficos, que se apresentam, segundo a autora, claramente como ficcionais.

Porém, não é possível afastar completamente o romance biográfico da biografia. Há muitas interfaces entre os gêneros, uma vez que o romance biográfico é o próprio simulacro da biografia. Dentre as muitas características comuns que poderíamos elencar, destacamos o hibridismo entre dados históricos/biográficos e ficção.

François Dosse, em seu estudo *O desafio biográfico* (2015), chama a biografia de “gênero impuro”, devido a sua natureza mesclada. Ele afirma:

Toda biografia é romaneada e não pode deixar de sê-lo’ (François Mauriac): o polo romanesco é consubstancial ao gênero biográfico, que traz em si um amálgama inevitável e impossível (DOSSE, 2015. p. 68)

Segundo Dosse (2015), a biografia possui uma identidade intermediária entre científica e literária, entre a fidelidade ao documento e a busca da totalização da vida, esta última só conseguida pelo trabalho ficcional.

Para Perrone-Moisés (2016), esse tipo de hibridismo estaria presente apenas nas biografias, uma vez que os romances biográficos, a seu ver, seriam exclusivamente ficcionais. No entanto, como justificar a extensa e consistente pesquisa biográfica que sustentam esses romances?

Os dados biográficos estão presentes nesse subgênero, embora com outro tratamento, o que não significa que se sejam completamente ignorados como referencial no texto.

Desse modo, no romance biográfico, o “pacto de verdade” é apenas parcialmente rompido, não totalmente, como quer Perrone-Moisés (2016). O leitor tem uma consciência de ficção, que não se apresenta naturalmente na biografia, e a leitura torna-se um permanente questionamento sobre os limites entre o dado histórico/biográfico e a construção ficcional. Em outras palavras, enquanto há uma porosidade entre dado e ficção na biografia, os romances biográficos criam um atrito entre esses dois polos.

A última quimera, de Ana Miranda, publicado em 1995, ilustra bem esse jogo de tensão entre ficção e fato documental típico do romance biográfico. Atuam no enredo diversas personagens históricas, como: Olavo Bilac, Raul Pompeia, Rui Barbosa e Ester Fialho, esposa de Augusto dos Anjos, em ocasiões conhecidas de sua existência (como o famoso duelo entre Bilac e Pompeia) e situações fictícias (como o encontro do narrador com Ester no velório de Augusto dos Anjos).

Diversos episódios históricos ambientam o romance e interferem nas ocorrências da narrativa: a Revolta da Chibata, a modernização do Rio de Janeiro, as disputas entre parnasianos e simbolistas etc. Narrativa esta que é conduzida por um narrador em primeira pessoa, identificado como amigo de infância de Augusto dos Anjos, mas que existe somente a partir do engenho criativo de Ana Miranda.

Essa personagem fundamental para o romance, fictícia, traz ao leitor reflexões e lembranças de Augusto dos Anjos, tanto as baseadas em cartas do poeta, como as criadas pela autora do romance.

Desse modo, a leitura de *A última quimera* é um permanente embate entre biografismo e ficcionalização. A não ser que o leitor fosse grande especialista em Augusto dos Anjos ou capaz de recuperar toda a pesquisa histórica e biográfica realizada pela escritora, é impossível detectar todos os limites entre um e outro polo. Considerando que Ana Miranda não deseja por público somente o altamente especializado, podemos concluir que essa tensão é um efeito próprio de sua escrita literária.

O texto híbrido de ficção e dado causa o incômodo dos terrenos movediços, nos quais se pisa com cuidado, mas também com a certeza

de que se irá afundar. A consequência inevitável é o questionamento, em especial sobre a biografia, gênero com o qual o romance biográfico dialoga. Emergem questões, por exemplo, sobre os limites do biografismo, as implicações do uso da linguagem na reconstrução dos fatos, o alcance da “representação” na linguagem literária.

Em *Musa Praguejadora*, obra publicada em 2014, Ana Miranda reforça a tensão entre elaboração literária e reconstrução de fatos históricos ao distinguir visualmente os dois tipos de escrita. No final da obra, a autora esclarece: “As partes deste livro em itálico são ficcionais, e algumas delas, adaptações de poesias de Gregório de Matos” (MIRANDA, 2014. p. 542).

Inicialmente, esse recurso parece eliminar o hibridismo, pela justaposição de uma história ficcional, delimitada pela fonte em itálico, e de um texto biográfico propriamente dito. No entanto, o efeito é justamente o oposto, uma vez que as duas escritas são complementares e interferentes. Não é possível separar o texto ficcional do texto “científico” sem prejuízo da compreensão da obra. Desse modo, os questionamentos sobre a escrita biográfica se intensificam, sob a perspectiva de sua dependência da construção ficcional.

Ao tratarmos de obras literárias que carregam e provocam reflexões sobre a própria literatura, encontramos-nos no âmbito da metaficção. A partir dessa perspectiva, verifiquemos o que afirma Linda Hutcheon (2003) sobre a metaficção historiográfica:

I have been arguing that postmodernism is a contradictory cultural enterprise, one that is heavily implicated in that which it seeks to contest. It uses and abuses the structures and values it takes to task. Historiographic metafiction, for example, keeps distinct its formal autorepresentation and its historical context, and in so doing problematizes the very possibility of historical knowledge, because there is no reconciliation, no dialect here – just unresolved contradiction... (HUTCHEON, 2003. E-book)

Ainda tendo em foco a obra *Musa Praguejadora*, temos um texto que distingue visualmente e discursivamente a reconstrução do fato da elaboração ficcional. Mas diante da impossibilidade de separarem-se esse dois discursos, que ao mesmo tempo se chocam e se complementam, temos uma composição “contraditória e irreconciliável” (HUTCHEON, 2003), e também “fortemente implicada no que quer criticar” (HUTCHEON, 2003), isto é, a própria possibilidade (ou impossibilidade) da biografia.

Como se não bastasse seu texto para demonstrá-lo, Ana Miranda

ainda deixa claro no mesmo livro a impossibilidade do seu próprio empreendimento. No final da obra, a autora afirma:

Mesmo sem comprovação de autoria, são os poemas que dão a mais próxima dimensão da vida do poeta, não apenas em termos de dados biográficos, de sua personalidade, sua linguagem, mas do ambiente que o cercava. É pelos poemas que podemos penetrar em sua existência, a partir de palavras suas, ou de seus contemporâneos, testemunhos valiosos e raros para a compreensão de alguma figura do passado. Bastariam os poemas como sua biografia. Ali está o que podemos intuir ou aferir de sua vida (...). (MIRANDA, 2014. p. 515)

Ana Miranda não prescreve uma abordagem biográfica ao estilo saint-beuviano, o que, ademais, ela mesma não faz. Ao afirmar que os poemas de Gregório de Matos, *sem comprovação de autoria*, bastariam como sua biografia, a escritora atesta a impossibilidade de acessar a existência objetiva do poeta, apontando para uma aproximação entre discurso biográfico ou histórico e discurso ficcional e literário, pois ambos são interpretações que procuram, sem conseguir, totalizar uma vida. E o que resta de objetivo, no presente, do biografado e seu ambiente são somente os poemas. Essa é a única via de acesso direta ao passado.

As reflexões deste artigo até aqui podem ser aplicadas a qualquer romance biográfico. Mas o texto de Perrone-Moisés, que as enseja, trata especificamente dos romances biográficos que têm por protagonistas escritores. Esse elemento permite que a discussão possa ser ampliada para uma reflexão sobre a literatura contemporânea.

Perrone-Moisés lança a questão: “quais são as razões do interesse atual por esse tipo de romance [que tem por protagonista um grande escritor]?” (PERRONE-MOISÉS, 2016. p. 145). A autora responde na linha de Leonor Arfuch, do já clássico *O espaço biográfico*. Afirma Perrone-Moisés:

Nesse caso, uma das mesmas razões que explicariam o gosto atual pelas biografias estaria na origem do gosto por romances nelas baseados: na falta de grandes paradigmas religiosos e éticos, a busca de modelos de existência em indivíduos notáveis. (PERRONE-MOISÉS, 2016. p. 145-6)

Nesse trecho, Perrone-Moisés considera o interesse dos leitores dos romances biográficos. Mas podemos estender esse mesmo interesse aos escritores que os produzem. A busca de modelos está profundamente arraigada ao gênero biográfico, pois a reconstituição e interpretação da vida do outro, que normalmente já é objeto de admiração, muitas vezes reflete o desejo de identidade de si mesmo.

Porém, a biografia é cerceada pelas restrições do “pacto de verdade” e outros procedimentos típicos do gênero. É necessária uma forma que preserve essa busca identitária, ao mesmo tempo em que permita reflexões literárias mais amplas e profundas. Por isso, para além das interações entre dado biográfico e criação ficcional, é marcante no romance biográfico o intertexto com a obra do biografado. Tais e tantas são as manifestações do intertexto nesses romances, que chegam ao ponto de o autor apropriar-se do texto do biografado. Esse é um procedimento comum na obra de Ana Miranda. Vejamos um exemplo:

Gregório se enamora do bom ar de uma crioulinha chamada de Cipriana, apelidada Supupema. Escreve para ela um romance. Ela é a crioula de sua vida, Supumema de sua alma, bonita como umas flores e alegre como umas páscoas. Ele não sabe que feitiço é o que ela tem na linda cara, na graça com que ri, na esperteza com que fala, no garbo com que se move, no donaire com que anda, no asseio com que se veste, e na malícia com que se enfeita. (MIRANDA, 2014. p. 249)

O trecho acima é de *Musa Praguejadora*. Seguem os primeiros versos de poema atribuído a Gregório de Matos:

Crioula da minha vida,
Supupema da minha alma,
bonita como umas flores,
e alegre como umas páscoas.
Não sei que feitiço é este,
que tens nessa linda cara,
a gracinha, com que ris,
a esperteza, com que falas.
O garbo, com que te moves,
o donaire, com que andas,
o asseio, com que te vestes,
e o pico, com que te amanhas. (MATOS, s.d.)

Para Perrone-Moisés, cada forma de intertextualidade do romance biográfico “implica uma relação particular do autor com a obra da personagem-escritor e afeta a significação do romance” (PERRONE-MOISÉS, 2016. p. 147). Na obra de Ana Miranda, a inclusão direta do texto do biografado, como no último exemplo, pode ser interpretada como a única presença concreta do biografado, tendo em vista a postura da autora de considerar os poemas “a mais próxima dimensão da vida do poeta” (MIRANDA, 2016. p. 515). O procedimento reforça a elaboração de uma metaficção biográfica, que constrói a narrativa da vida do poeta reforçando sempre a impossibilidade do acesso a sua existência.

De maneira geral, podemos afirmar que a intertextualidade nos romances biográficos são uma volta à escritura do outro com o objetivo

de construção da própria escritura. A perspectiva modelar da biografia atinge, assim, maior complexidade: agrega à escrita da admiração a elaboração da própria escritura em relação dialógica com a escritura do biografado, num movimento que une passado e presente.

O filósofo italiano Giorgio Agamben afirma:

... a via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando não vivido, é necessariamente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la. (AGAMBEN, 2009. p. 70)

Nesse sentido, o presente é uma permanente construção, que utiliza as vivências do passado, mas não o revive, pois ele é inalcançável.

Essa afirmação pode servir para ilustrar a significação dos romances biográficos na contemporaneidade. Pois estamos num tempo no qual já se declarou o “fim da literatura”; um tempo no qual os limites entre literário e não literário, entre artístico e comercial estão corroídos, e tornaram-se conceitos ambivalentes. A literatura, como antes era concebida, tornou-se impossível. Nesse contexto, um autor que retoma um escritor do passado, relevante para si, e interpreta literariamente sua existência, sua obra e sua escritura, está em processo de construção da literatura contemporânea.

Trata-se de uma arqueologia singular, que se relança para a origem, sem alcançá-la, nem reconstruí-la, pois isso é impossível. É um processo de elaboração de uma nova literatura: híbrida, contraditória e reflexiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O que o contemporâneo? In: *O que o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-92.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2015.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics Of Postmodernism*. New York: Routledge, 2003. *E-book*.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

MATOS, Gregório de. Crioula de minha vida... Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/gregorio/poema083.htm>. Acesso em: 24 set. 2019.

MIRANDA, Ana. *Musa Praguejadora: a vida de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. *A última quimera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Os escritores como personagens de ficção. In: *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 125-148.